
Incubadora de economia solidária no CAPS – análise de um projeto de extensão

Wagner Montalvão Maciel¹
Ramiz Candelero Pedroso de Moraes
Centro Universitário UNIFAFIBE

RESUMO: A práxis da Psicologia comprometida ético-politicamente com as questões voltadas ao cuidado à saúde mental, principalmente no setor público, têm trazido a Economia Solidária como uma possibilidade de inclusão social pelo trabalho. Neste artigo, fruto de uma pesquisa fomentada pela FUNADESP, tivemos como objetivo acompanhar e analisar, pela perspectiva psicossocial, um projeto de extensão que, durante aproximadamente um ano e meio, promoveu a incubação de um grupo de geração de renda de culinária formado por pessoas com transtornos mentais. O método consistiu em uma pesquisa qualitativa e participante, tendo como instrumentos: observações e reuniões participantes, produção de diários de campo, entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental. Analisamos o material sob a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica. Como resultados, observamos que antes da incubação este grupo quase não tinha características de um empreendimento, mas depois se desenvolveu nos aspectos financeiros, de organização, produção, compras, infraestrutura, rede social, vendas e rifas, configurando-se como geração de renda. A questão dos afetos, do respeito e da autogestão fortaleceram o grupo e as relações intersubjetivas entre todos os atores envolvidos. Neste cenário, trabalho, subjetividade e solidariedade estão caminhando juntos em uma nova perspectiva, a do não sofrimento, da humanização do cuidado e da horizontalidade das relações.

Palavras-chave: Saúde mental, Economia solidária, Psicologia social.

Solidary economic incubator on the CAPS - analysis of an extension project

ABSTRACT: The praxis of ethics-politically committed psychology with the issues of mental health care, especially in the public sector, have brought the Solidarity Economy as a possibility for social inclusion through work. In this article, as a result of a research promoted by FUNADESP, we aimed to follow up and analyze, from the psychosocial perspective, an extension project that, for approximately a year and a half, promoted the incubation of a group of income generation of culinary formed by people with mental disorders. The method consisted of a qualitative and participatory research, having as instruments: participant observations and meetings, production of field diaries, semi-structured interviews and documentary research. We analyze the material from the perspective of Socio-Historical Psychology. As a result, we observed that before incubation this group had almost no characteristics of an enterprise, but later developed in the financial, organizational, production, purchasing, infrastructure, social network, sales and raffles aspects, being configured as income generation. The issue of affection, respect, and self-management strengthened the group and intersubjective relationships among all the actors involved. In this scenario, work, subjectivity and solidarity are moving together in a new perspective, that of non-suffering, the humanization of care and the horizontality of relationships.

Keywords: Mental health; Solidarity economy; Social psychology.

¹ Wagner Montalvão Maciel. End. Eletrônico: wagnermontalvao@globomail.com

Introdução

Com os avanços nos últimos anos em relação à gestão da Educação no Centro Universitário UNIFAFIBE, localizado em Bebedouro-SP, estamos acompanhando os processos de educação permanente em metodologias ativas para professores, aliados ao olhar para as tecnologias e o perfil contemporâneo do aluno. Estes mecanismos trazem consigo a possibilidade de desenvolver uma educação emancipatória e crítica, estimulando o aluno a buscar e construir o conhecimento de forma autônoma e mediada pelos professores.

As atividades de ensino, pesquisa e extensão precisam estar unidas para que haja uma educação de qualidade. Desde o segundo semestre de 2014, o curso de Psicologia desta instituição desenvolve o “Projeto de Extensão Ação Comunitária”, proporcionando aos alunos e professores, uma vivência prática das questões psicossociais estudadas em sala de aula. No primeiro semestre de 2016, a partir das experiências vividas e das necessidades encontradas pelas comunidades, optamos por construir uma incubadora de economia solidária, que depois denominamos ITES-FIBE (Incubadora Tecnológica de Economia Solidária do UNIFAFIBE).

Além das atividades de extensão, conseguimos desenvolver o ensino, por meio dos estudos sobre Economia Solidária, autogestão, saúde mental e Psicologia Social, e, as duas pesquisas com incentivo da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular – FUNADESP, nos anos de 2016 e 2017 com os respectivos títulos: “Análise da construção coletiva de uma incubadora de Economia Solidária: a experiência do UNIFAFIBE” e “Promoção de autonomia, cidadania, trabalho e renda: análise do processo de implantação da Economia Solidária no Centro de Atenção Psicossocial”.

Neste contexto, a primeira pesquisa trouxe resultados que indicaram a formação de um grupo sólido de alunos e professor e uma metodologia de incubação adequadamente voltada para a realidade regional. Assim, após diversos diálogos sobre a experiência profissional dos integrantes do grupo da ITES-FIBE; do desejo de se trabalhar com alguma população específica em vulnerabilidade socioeconômica e; do mapeamento dos possíveis locais e grupos passíveis de incubação, encontramos no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS de uma cidade do interior paulista, serviço considerado central na articulação e cuidado em Saúde Mental no município, um local propício para desenvolver a incubação.

Os CAPS são centros de referência e tratamento para aquelas pessoas que precisam do cuidado por terem algum transtorno mental, psicose, neurose grave ou qualquer outro cuidado que justifique uma atenção intensiva, comunitária, personalizada e que promova, sobretudo, a vida (Brasil, 2004). Estes centros surgiram com a luta pelos direitos humanos das pessoas com transtornos mentais, que, a partir do nascimento da Psiquiatria, foram trancafiadas em hospitais psiquiátricos, privados de viver em sociedade e recebendo tratamentos desumanos.

Desde então, a luta pela inclusão social e um tratamento justo a estas pessoas, recebe uma atenção à nível mundial com as reformas psiquiátricas e as rupturas com a Psiquiatria (Amarante, 2011). Esta inclusão deve estar atenta à todos os setores da vida da pessoa com transtorno mental, como a família, a questão social, os relacionamentos amorosos, as amizades, o lazer, a saúde física e mental, a cultura e o trabalho.

Neste artigo apresentamos os resultados da segunda pesquisa citada acima, que teve como objetivo acompanhar e analisar, pela perspectiva psicossocial, um projeto de extensão do curso de Psicologia que, durante aproximadamente um ano e meio promoveu a incubação de um grupo de geração de renda de culinária formado por pessoas com transtornos mentais. Além disso, trazemos acontecimentos no grupo de extensão até o final do primeiro semestre de 2018.

Nosso foco nesta pesquisa foi sobre a questão do trabalho, que vem sendo um item fundamental na reabilitação psicossocial destas pessoas, sobretudo pelo viés da Economia Solidária. Segundo Singer (2002) esta se configura como outro modo de produção em que grupos se reúnem no modelo de autogestão e colocam acima do dinheiro, questões como solidariedade, democracia e respeito. No campo das políticas públicas brasileiras, Saúde Mental e da Economia Solidária dialogam desde 2004 (Moraes, 2014). Além disso, o trabalho enquanto instrumento de inclusão social, direito humano e produção de subjetividade, é a centralidade que amplia as possibilidades de cidadania e emancipação destas pessoas.

Neste percurso, cabe questionar: como se constrói e quais são os desdobramentos de um diálogo entre Saúde Mental e Economia Solidária em um contexto prático? Quais os processos psicossociais envolvidos na relação entre usuários e profissionais dos CAPS, colocando como central a questão do trabalho? Como um projeto de extensão, aliado ao ensino e à pesquisa, podem evidenciar tramas importantes no cotidiano deste serviço?

Métodos

Referencial Teórico-Metodológico

Buscamos neste artigo analisar em profundidade um processo que exige a compreensão de aspectos objetivos e subjetivos da realidade, portanto desenvolvemos uma Pesquisa Qualitativa (González-Rey, 2011). Partimos do princípio que as mudanças ocorrem ao longo do tempo, são processuais, a cada encontro, a cada mudança histórica, a cada experiência vivida e compartilhada socialmente assim utilizamos a Psicologia Sócio-Histórica (Bock; Gonçalves; Furtado, 2015) como referência deste trabalho, sendo esta uma Psicologia crítica que utiliza os princípios e o método de Karl Marx – o materialismo histórico e dialético, trazido por Vygotsky para nossa ciência e profissão.

Foi ainda, uma Pesquisa Participante que teve como finalidade principal, a construção de decisões coletivas, não restringindo à academia o saber, mas trazendo para o campo da pesquisa, os atores envolvidos no processo. Esta perspectiva que nasceu na América Latina, enfatiza o caráter emancipatório e pressupõe que devemos co-construir e confiar na qualidade do interlocutor – o sujeito (Brandão, 2006). Cabe ainda diferenciá-la da Pesquisa-ação, que tem suas raízes nos Estados Unidos e o produto final é o que mais interessaria. Nossa pesquisa se interessou em potencializar as relações intersubjetivas na instituição de Saúde Mental, bem como a própria práxis, por isto uma pesquisa Participante.

Participantes, instrumentos e procedimentos

Participaram da pesquisa os atores envolvidos no grupo de culinária do CAPS: profissionais (2) e usuários da Saúde Mental (12), alunos (7) e um professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFAFIBE.

Às sextas-feiras à tarde, durante um ano e meio, ocorria um encontro entre equipe da incubadora e grupo de culinária e técnicas representando a ação efetiva da Incubadora e a *pesquisa participante*, propriamente dita. Durante estes encontros, além de ações voltadas ao desenvolvimento do empreendimento, produzíamos *diários de campo*, a partir de *observações*

participantes e mediação do grupo. Nesta perspectiva, nós, pesquisadores, fomos também sujeitos; ao passo que os sujeitos, foram também pesquisadores. Esta práxis em pesquisa permitiu trocas intersubjetivas e de experiências que geraram anotações importantes após cada encontro.

Ao final do processo, realizamos, gravamos e transcrevemos *entrevistas semiestruturadas*: estas são caracterizadas por uma pergunta inicial livre relacionada à história de vida dos sujeitos e, a partir daí, por questões voltadas ao tema de estudo, como a chegada ao CAPS e ao grupo de culinária; as atividades que desenvolve na culinária e a relação com os colegas, profissionais de saúde e participantes da incubadora; e, se o grupo de culinária os tem ajudado dentro e fora do CAPS.

No processo de análise das entrevistas lemos e relemos cuidadosamente as transcrições, separamos por temas e por sujeitos, após isto, procuramos conexões voltadas ao *significado social* e, posteriormente, ao *sentido subjetivo* de cada um que trouxesse contribuições para o tema (González-Rey, 2011). Por fim, relacionamos estes trechos aos aspectos teóricos e práticos e construímos o texto relacionando o *discurso* com a *experiência da pesquisa participante*, a *análise documental* feita dos relatórios de extensão dos três semestres que se estenderam a incubação e as *contribuições teóricas e de pesquisas* já realizadas sobre o tema.

Aspectos éticos

Esta pesquisa seguiu todas as normas da Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, porque lida com seres humanos. Foi encaminhada para o Comitê de Ética do Centro Universitário UNIFAFIBE e aprovado via Plataforma Brasil. Cada um dos oito sujeitos que aceitaram participar cedendo a entrevista, recebeu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, assim, consideramos que esta foi uma pesquisa com risco mínimo. Respostas dos participantes que lembravam algo da sua história pessoal gerando desconforto, nós pesquisadores orientamos que este não precisaria prosseguir na resposta e, por sermos da área da Psicologia, estávamos prontos para acolhê-lo(a). Os riscos e desconfortos relacionados à perda de confidencialidade sofreram medidas protetivas, como o resguardo dos documentos, o setting da entrevista

distante das demais pessoas que poderiam ouvir; e medidas curativas como oferecer a retirada da pessoa como sujeito da pesquisa, caso esta se sentisse melhor. Como benefícios, percebemos que as entrevistas possibilitaram aos sujeitos, revisitar suas experiências com o projeto de incubação do grupo de culinária que tem tido resultados positivos no que tange aos processos de autonomia, cidadania e promoção de saúde mental.

Resultados e Discussão

Os resultados trazem tanto a experiência vivida no processo de incubação de economia solidária no CAPS por meio do projeto de extensão e da pesquisa participante, quanto a análise documental e do discurso dos participantes e suas ramificações para o impacto nas subjetividades e na centralidade do trabalho – sobretudo solidário – na vida destas pessoas.

Sobre o funcionamento do projeto de extensão e suas conexões da pesquisa participante

A partir de um levantamento em nível nacional, Andrade, Burali, Vida e Santos (2013) encontraram que os produtos e serviços oferecidos por cooperativas e grupos de geração de renda na Saúde Mental, são diversos, mas há predominância: "... do artesanato, da coleta seletiva e da reciclagem, da confecção de produtos alimentícios, da tecelagem e da marcenaria" (p.185). Temos ainda neste campo experiências consolidadas que estão dando certo por mais de duas décadas, como o Serviço de Saúde "Dr. Cândido Ferreira" de Campinas-SP (Valentini Jr.

& Vicente, 2016) e a Cooperativa Paratodos em Santos-SP (Moraes, 2014).

Durante o tempo de incubação, em média um ano e meio, às sextas-feiras no período da manhã e da tarde, o grupo da incubadora ITES-FIBE visitava o CAPS na oficina de culinária. No período da manhã iam os alunos dos primeiros anos da Psicologia, com a tarefa de fazer uma observação participante nas oficinas e trazer conteúdos importantes, porque era neste dia e período que os membros do grupo de culinária "colocavam a mão na massa", ou seja, produziam os bolos, os doces, os salgados e outras confecções alimentícias. Muito foi feito durante esse tempo, como: ovos de chocolate para a Páscoa, Bolo de fubá, Pão caseiro, Pipoca doce, bolo de cenoura, pudim de maria mole, pipoca salgada, pipoca doce, suspiro, cesta de doces para o dia das crianças, roscas, etc.

Às sextas-feiras no período da tarde realizávamos o processo de incubação propriamente dito junto à pesquisa participante, criando espaço para discussão, resolução de conflitos e tomadas de decisão. Os encontros ajudavam na organização dos próximos passos, dentre estes: a participação com venda de produtos em eventos do Centro Universitário UNIFAFIBE; rifas em datas especiais, como a Páscoa, Festa Junina, Dia das Crianças e Natal; divisão do dinheiro; desenvolvimento da parte social do grupo, como eles continuarem fazendo o bolo para o café da tarde de todos os usuários do CAPS, entre outras ações. Neste processo, ao longo de um ano e meio, percebemos evoluções, conquistas e também desafios, como as descritas no Quadro 1:

	Antes da incubação	Após um ano e meio de incubação
Grupo se respeitando	O grupo se respeitava, eram parceiros.	Grupo continuou se respeitando e cada vez mais estão fortalecendo as relações ali existentes.
Renda para o grupo	Nenhuma. Dependiam de doações para comprar os ingredientes.	Estão com dinheiro no caixa e investindo em novas receitas e equipamentos.
Renda para os participantes	Nenhuma. Nem imaginavam essa possibilidade.	Apesar do empreendimento já gerar renda, todos ainda abrem mão da repartição neste momento. Do ponto de vista solidário, isto é muito potente, mas é algo que ainda precisa ser pensado, pois a renda é importante para eles do ponto de vista da autonomia.
Vendas e levantamento de verba	Nenhuma.	As rifas vêm dando certo; vendas diretamente no CAPS, vendas no complexo hospitalar e nos

		eventos da faculdade.
Terapêutico x geração de renda	Encaravam o grupo como terapêutico.	Este tem assumido a identidade de um grupo de geração de renda, o que traz benefícios terapêuticos, sempre voltados para a emancipação, fortalecimento psicossocial e autonomia.
Organização das atividades	Eles já apresentavam certo grau de autonomia, com a mediação da terapeuta ocupacional.	Já estão se organizando na produção, fazendo com que todos participem de todas as atividades para conhecerem o que estão produzindo. Conseguem discernir quem é melhor vendedor, quem organiza melhor a parte financeira, quem lidera a cozinha etc. Isso tem trazido uma identidade para o empreendimento.
Rede de parceiros	Não olhavam para isto.	Atualmente, a ITES-FIBE, o Curso de Psicologia do UNIFAFIBE, o próprio CAPS, uma Radio local. Verificaram que é importante ampliar as parcerias, como a prefeitura.
Bens do grupo	Algumas panelas usadas.	Panelas; estoque de caixinhas e embalagens; armário para guardar os produtos; geladeira só para a culinária; caderno de receitas; livro caixa.
Parte financeira	Era tudo doado e organizado pelo CAPS.	Durante as reuniões semanais com a Incubadora, eles discutem e fazem o balancete em um caderno e todos aprovam. Terminaram o semestre com um caixa positivo, sem nenhuma dívida.
Parte social	Toda sexta-feira, fazem o bolo (ou outro doce/salgado) para o café da tarde do CAPS.	Continuam fazendo o bolo para o café da tarde do CAPS e compreendem que isto é o lado social do grupo.
Organização nas compras	lam comprar itens no mercado.	Atualmente se organizam com dinheiro, produtos, fazendo as contas e se respeitando na hora da compra, sem interferência da técnica responsável e da equipe da incubadora, demonstrando autonomia e o respeito perante a sociedade.

Quadro 1- Comparação do grupo antes e depois de um ano e meio de incubação

A partir do quadro, podemos compreender que antes da incubação, este grupo quase não tinha características de um empreendimento. Com a incubação este grupo se desenvolveu nos aspectos de organização de produção, compras, aspectos financeiros, infraestrutura, rede social, vendas e rifas. Atualmente, este grupo se configura como sendo de geração de renda, o que também oferece aspectos terapêuticos, mas permite conquistar todos estes aspectos citados acima.

Nos encontros, os sócios da culinária junto à equipe da incubadora, definiram que o grupo se chamaria “Cozinhando com amor” e montamos um logotipo que foi aprovado por eles, conforme a imagem 1.



Fatos importantes foram ocorrendo durante o processo de incubação, demonstrando aspectos positivos deste projeto. No primeiro semestre de 2017, por exemplo, ocorreu o evento organizado pela Incubadora ITES-FIBE e o curso de Psicologia do UNIFAFIBE: *O I Fórum Teórico-Cultural da Luta*

Antimanicomial: A práxis libertadora em Saúde Mental. Este evento contou também com a participação de profissionais dos CAPS da região de Bebedouro-SP, professores e, sobretudo as pessoas que utilizam o serviço de saúde mental. Este teve o objetivo de quebrar o preconceito despejado sobre as pessoas que têm algum transtorno mental.

Participaram do evento toda a comunidade acadêmica, os egressos do curso de Psicologia, os profissionais, familiares e pessoas que utilizam os serviços de Saúde Mental da região. Além de uma mesa redonda acadêmica e profissional, todos se emocionaram com as apresentações dos usuários do CAPS, nas modalidades teatro, coral e o com o depoimento de um homem relatando sua história de vida no contexto da saúde mental.

A luta Antimanicomial é um símbolo de resistência às antigas formas de tratamento ao louco, em que o aprisionamento e os maus tratos eram legitimados. Foucault (2003) nos atenta para as atrocidades que, ao longo da história da humanidade, se fez contra os seres humanos vistos como loucos. Hoje buscamos uma prática pautada na humanização, na liberdade e na inclusão social não perversa (Amarante, 2011; Sawaia, 2011;), ou seja, valorizando desde o trabalho e a família, até as amizades e as redes de suporte para a pessoa, nunca a aprisionando (Moraes, 2014).

Ao final do ano de 2017, optamos por realizar uma festa de encerramento em um espaço público da cidade de Bebedouro-SP com um piquenique, mas como estava chovendo, realizamos no Centro Universitário UNIFAFIBE. Foi uma manhã leve, de muita risada, música, dança integração e afeto. Ora contavam piadas e contos, ora pediam para ligarmos algumas músicas e clipes. Teve momento de brincadeiras como o telefone sem fio, passeio de elevador para conhecer a faculdade, muito diálogo, além de pães, panetones, sucos e outros.

Nesta perspectiva, Amarante (2011) explica que o campo da Saúde Mental no Brasil é marcado pela Luta Antimanicomial, embasado principalmente por uma das reformas psiquiátricas mundiais, a Psiquiatria Democrática italiana de Franco Baságlio. Esta preza, dentre outras questões, pela pessoa que utiliza os serviços de saúde mental, necessita ser novamente incluída na sociedade, ocupando o espaço da cidade que, outrora foi retirado desta quando se decidiu que o louco deveria ser internado.

Corroborando com este movimento, optamos também, por realizar uma parceria com o curso de

Nutrição, por meio de um segundo projeto de extensão deste curso do UNIFAFIBE, em que o objetivo era também mostrar a inclusão social aos alunos. Assim, no final do primeiro semestre de 2018, para fechar as atividades com eles, realizamos um workshop no Laboratório de Nutrição para oferecer novas receitas ao grupo de culinária e sair um pouco do espaço do CAPS para explorar a cidade.

A preparação deste dia, contou com a visita do professor da Psicologia ao projeto de extensão da Nutrição, na semana anterior, para dialogar com os alunos sobre como são as pessoas que utilizam o serviço de saúde mental CAPS. Dúvidas tiradas retomou-se historicamente um pouco sobre a reforma psiquiátrica, a passagem de hospitais psiquiátricos para CAPS no Brasil e tendo a explicação de que as pessoas que chegariam ali tinham sede de aprender, de viver, mas que precisaria tratá-las como adultos e oferecer o máximo de espaço para colocarem a mão na massa, pensando na autonomia, objetivo principal do nosso projeto.

O aprendizado para os sócios do grupo de culinária foi nítido, pois o *feedback* era instantâneo. Eles se admiraram com a cozinha industrial em que estavam; escutaram atentamente todas as instruções; colocaram as mãos na massa, literalmente; se relacionaram bem com os alunos, a docente e o técnico de nutrição; experimentaram e aprenderam novas receitas de *Cupcake* e bolachas de leite condensado; fizeram questão de levar para os colegas de CAPS que não estavam ali, por não serem do grupo de culinária; e, a alegria no rosto deles e também de todos os atores envolvidos. Muito se aprendeu tanto tecnicamente no quesito das receitas, quanto no que chamamos de tecnologias leves, no campo da Saúde Coletiva, ou seja, a tecnologia das relações intersubjetivas de todas as partes envolvidas (Merhy, 2002).

Trabalho, subjetividade e solidariedade no contexto da Saúde Mental

Michel Foucault, o maior estudioso da história da loucura, divide as concepções sobre o tema em três momentos: a) Idade Antiga: a loucura era vista como algo positivo e estava diretamente ligada à visão mítico-religiosa, ou seja, pelo delírio, a pessoa teria acesso à verdades divinas; b) Idade Média: os comportamentos bizarros eram vistos

como algo do demônio e os tratamentos envolviam tortura e aprisionamento. Neste período, Foucault chama a atenção para as Naus de Loucos – navios que confinavam loucos e eram colocados no mar Europeu, atracando (ou não) nos portos. Para Foucault (2003), “A navegação entrega o homem à incerteza da sorte: nela, cada um é confiado ao seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente o último” (p.12); c) Idade Moderna: nascimento da Psiquiatria que se apropriou da loucura para se constituir enquanto ciência (Foucault, 2003).

Desde o final do século XVIII, as pessoas com transtornos mentais são encarceradas e torturadas pelo chamado tratamento moral colocado por um dos fundadores da Psiquiatria, Philippe Pinel. De uma maneira crítica, Frayze-Pereira (2002,) coloca esta forma de se tratar o louco, evidenciando o poder da ciência sobre as pessoas:

Entre o homem de razão e o homem de loucura não há mais linguagem comum. Se há discurso da razão sobre a loucura, não há discurso da loucura sobre a razão. O diálogo outrora existente entre elas se interrompeu. E foi sobre esse silêncio que a Psiquiatria, “monólogo da razão sobre a loucura”, pôde se estabelecer (p.48).

Muitas reformas e rupturas foram realizadas no contexto psiquiátrico para mudar este cenário, mas a Psiquiatria Democrática é a mais emblemática para nossa realidade brasileira. Baságliá, principal autor desta reforma, viveu a primeira grande experiência mundial registrada em relação à construção de uma cooperativa de loucos.

Em 1973, este psiquiatra percebeu que a maioria dos trabalhadores do Hospital Psiquiátrico Hospedale San Giovanni, em Trieste - Itália eram os próprios pacientes que estavam internados. Baságliá tentou fazer com que eles recebessem por isto e não foi autorizado pela administração. Desta forma, deu alta aos pacientes e eles formaram a Cooperativa Lavoratori Uniti (Cooperativa Trabalhadores Unidos), que voltou para prestar serviços neste hospital recebendo de forma justa (Amarante, 2011).

A criação desta cooperativa e o movimento da Psiquiatria Democrática abriram possibilidades para o desenvolvimento da Economia Solidária no campo da Saúde Mental, sobretudo no Brasil. Em relação a esta questão na prática, podemos ressaltar que no grupo de culinária do CAPS aqui analisado, esta iniciativa é produtora de saúde mental e não de mais sofrimento, como o contexto capitalista promove. Destacamos os seguintes segmentos

textuais das entrevistas com os sócios-trabalhadores do grupo:

É um trabalho de amizade, de sinceridade, de companheirismo, de introdução, introduzir ideias *pro grupo*, fazer novas perspectivas, participações *né*. Me ajudou bastante, não fazia nada, agora eu faço, participo, levo as receitas para a casa, faço lá com a minha família. Ah! Alivia o coração, porque às vezes a gente pensa que está na cabeça, mas pode estar na emoção também, no sentimento. (*Sujeito J., sexo feminino*)

Nois divide um pouco cada um, um fica amassando a massa, um quebra o ovo, cada um faz um pouquinho de coisa e reveza... É como um irmão pra mim. (*Sujeito D., sexo masculino*)

Tirou tudo da minha cabeça, tirou o que eu estava pensando, tudo, de suicídio, essas coisas, mudou tudo totalmente. Agora eu trato meus filhos bem. Estou melhorando. Quanto às atividades no grupo, cada um faz uma parte. Então pra mim é um grupo especial, como se fosse uma família... (*Sujeito S., sexo feminino*)

Ah, eu acho que é muito legal porque faz a pessoa se sentir útil, você aprende novas coisas, não só alí a comida em si, é muito além do que o preparo de um bolo, de uma rosca, vai além disso né, porque aí você aprende a dividir, a conviver, a aceitar a opinião do outro, ajudar um amigo que não sabe ou a pessoa te ajudar porque você também não sabe, eu achei muito importante ter culinária no CAPS... (*Sujeito V., sexo feminino*)

Nos trechos acima é possível perceber processos de trabalho democráticos que incentivam reflexões sobre a autogestão, amizade, coletividade, indo além de produzir um bolo ou uma rosca, como o próprio sujeito V. coloca. É a Economia Solidária como alternativa possível à organização do trabalho tradicional e exploradora, a fim de resgatar a intencionalidade humana no trabalho e a importância desta na promoção de saúde e qualidade de vida do trabalhador.

Em uma revisão integrativa da literatura realizada sobre as publicações científicas nacionais que relacionam Psicologia e Economia Solidária nos últimos 15 anos, Moraes, Nogueira, Papel e Alencar (2017) mostram que há uma aproximação mais intensa nos últimos dez anos, com 43 artigos relacionados nas principais bases de indexação de artigos científicos. De acordo com os autores, subjetividade e a questão do trabalho sempre estiveram em evidência na ciência, mas com a Economia Solidária entrando como possibilidade no Brasil e a Psicologia dirigindo seu olhar e sua práxis

para este tema, o trabalhador se apresenta como protagonista nas questões de produção e autogestão, superando processos de sofrimento. Ainda assim, há contradições neste campo, porque as pessoas ainda têm em seu imaginário mecanismos de poder e hierarquia predominantes no modo de produção capitalista.

No campo da Saúde Mental, Saraceno (2016) que atualmente é representante da Organização Mundial da Saúde e presidente do *World Association for Psychosocial Rehabilitation*, desenvolve o conceito/práxis da reabilitação psicossocial. Para Saraceno (2016) a reabilitação psicossocial vai muito além de uma técnica; é necessidade e exigência ética para reparar o que a sociedade fez historicamente com o louco. Para o autor, neste bojo são centrais as questões da *negociação* e da *contratualidade*, ou seja, o tempo todo na vida estamos negociando com as pessoas e, hora conseguimos fazer prevalecer nossas opiniões e desejos, ora não, isso nos dá habilidades. A pessoa com transtorno mental fica desabilitada por falta de poder contratual, ou seja, por estar fora da sociedade, ela não faz as trocas no cotidiano, como nos cenários de trabalho, de casa e nas redes sociais (por exemplo, no mercado). Para Saraceno (2016), o trabalho é cenário fundamental para inclusão social e promoção de autonomia, cidadania e poder contratual, portanto é dever ético agir por meio da inclusão social pelo trabalho.

Abaixo seguem outros relatos que mostram a relação entre os atores do processo de incubação e do CAPS:

Um ajuda o outro. Damos bem... Ah, melhorou bastante, muitas coisas viu... Vocês dá conselho pra gente, 'ceis' abraça a gente, beija o rosto da gente, dá carinho... Nenhuma pessoa faz assim com a gente igual vocês, igual o R. (professor), igual vocês... É super legal, diverte. Com a equipe da incubadora é super legal, gosto de conversar bastante. Tem ajudado, teve bastante carinho, amor, paz, felicidade, carinho com as pessoas, Sente que tô fazendo parte... 'mesma' coisa.. Na minha casa mudou tudo, Tô outra pessoa. A A. (técnica responsável pelo grupo) é como uma mãe mora no meu coração. (*sujeito J., sexo feminino*).

A A. (técnica responsável pelo grupo) é meu amor. (*Sujeito S., sexo feminino*).

Relações aqui Eu acho que ficou muito legal porque é tudo amigos, todo mundo se dá bem, até hoje nunca teve nenhuma briga entre nós sabe, é um querendo ajudar o outro, tem paciência com

aqueles que não tem a mais agilidade que o outro tem né. [...] Nossa, ela é maravilhosa (se referindo à técnica responsável pelo grupo)! Nossa, ela é muito atenciosa, ela tem assim paciência com a gente, amorosa assim, pra mim ela é fantástica, adoro ela. Muito bom. (*Sujeito V., sexo feminino*).

No contexto do trabalho, localizado aqui no grupo de geração de renda no CAPS, entre os sujeitos da culinária, e os sujeitos e as técnicas de referência das oficinas há claramente *relações* afetivas positivas que, na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, embasada em autores como Vygotsky e Espinosa, fortalecem bons encontros que geram potência de ação e ideias no sentido de superar o sofrimento ético-político causado pela dialética exclusão/inclusão social vivida pelos sujeitos (Sawaia, 2011). Em outras palavras, quando as pessoas acreditam umas nas outras e há respeito, é possível enxergar e haver mudanças e construções, sem que haja culpabilização do outro ou autoculpabilização. Isso não é diferente do sentimento que eles têm em relação à equipe da incubadora, conforme os relatos abaixo:

Vocês ajudam assim, primeiro que vocês fazem a gente se sentir importante né, é uma ajuda solidária que vocês fazem. Eu acho bonito. Acho importante é esse se sentir importante e a boa vontade de vocês, é muito bonita, muito bonito o que vocês fazem. Me ajudou! (*Sujeito V., sexo feminino*).

Com a equipe da incubadora, gosto da emoção, do abraço. (*Sujeito T., sexo masculino*).

A equipe da incubadora tenho orgulho deles, porque eles vêm para nos orientar, ensinar, tenho orgulho da I., do W. e do R. (alunos e professor da Psicologia), muito bom para nós. É bom ter uma pessoa que dá uma segurança pra gente, um respaldo bom né? Vocês dão um respaldo bom pra gente, a gente sente mais firmeza, mais orgulho de ter vocês do lado da gente né, trabalhando, ajudando nós. (*Sujeito A., sexo masculino*).

Quanto à equipe da incubadora, eu amo vocês! Vocês pra mim é um anjo, como está no céu, vocês tirou tudo que devia vocês estão me trazendo alegria, paz, saúde demais pra mim! Tem uns médicos, médico é médico, mas vocês é o primeiro lugar, viu? (*Sujeito S., sexo feminino*).

O olhar que os trabalhadores do grupo de culinária têm sobre a equipe da incubadora é positivo, envolve afetos de cuidado, felicidade, orgulho e admiração. Ao longo deste um ano e meio

de parceria, ITES-FIBE e equipe do Cozinhando com Amor desenvolveram importantes laços que geraram fortalecimento individual e grupal para os envolvidos em uma perspectiva dialética – acadêmicos e sócios se beneficiaram. Nesta linha, em um trabalho sobre saúde mental e economia solidária, Moraes e Castro-Silva (2016) explicam que esta população vive em uma dialética exclusão/inclusão social dupla porque têm marcas sociais da pobreza e da loucura, assim a inclusão pelo trabalho de forma solidária tende a promover conquistas de relações de afeto e amizade, o que gera novos processos de sociabilidade destruidores de barreiras sociais.

A partir da experiência vivida pelo projeto de extensão e pela pesquisa, pudemos compreender que no contexto da Saúde Mental, sobretudo do Sistema Único de Saúde (SUS), trabalho, subjetividade e solidariedade podem caminhar juntos em uma nova perspectiva, a do não sofrimento, a da humanização do cuidado e a da horizontalidade das relações. Assim, o compromisso ético-político da Psicologia se expressou e precisa se expressar em uma prática voltada para a transformação da sociedade, ou seja, falar de autonomia e respeito ao *louco* é promover o rompimento dos muros manicomialmente invisíveis que ainda existem em relação à loucura.

Considerações Finais

Neste artigo, mostramos que as ações da Incubadora de Economia Solidária do UNIFAFIBE - ITES-FIBE trouxeram resultados positivos para o grupo de culinária Cozinhando com Amor, formado por pessoas que utilizam o CAPS de uma cidade do interior paulista. Estas intervenções fortaleceram a autoestima das pessoas, as ações do grupo e ampliaram possibilidades que eles não enxergavam como sendo possíveis.

Este trabalho de extensão foi de encontro à missão do UNIFAFIBE como sendo uma agente transformadora das questões sociais e de mudanças voltadas à democracia, cidadania e justiça social na comunidade, bem como da própria Psicologia enquanto ciência e práxis transformadora da sociedade.

Esta pesquisa tem limites, principalmente no que tange aspectos quantitativos relacionados ao grupo e aos grupos da região que têm este perfil. Nossa pesquisa, por ser qualitativa, não abordou estas questões. Seria interessante também, na

perspectiva da extensão, novas evoluções na perspectiva organizacional propriamente dita, especificando aspectos como análise e descrição de cargos, treinamento e desenvolvimento de pessoal, levando em conta todo o cuidado exercido até então.

Este artigo trouxe ainda, resultados de uma pesquisa aliada ao ensino e à extensão universitária na ITES-FIBE. O objetivo central desta é a promoção do processo ensino-aprendizagem dos alunos, para além da sala de aula, incentivando seu crescimento profissional. Compreendemos que este objetivo foi alcançado e, com as supervisões e o grupo de estudos semanais, isso os potencializou em nível de ampliar com eles, o compromisso social da Psicologia, sempre respaldados pelo conhecimento científico e pela ética profissional.

Referências

- Amarante, P. D. C. (2011). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Andrade, M. C., Burali, M. A. M., VIDA, A., FRANSOZIO, M. B. B., & SANTOS, R. Z. (2013). Loucura e trabalho no encontro entre Saúde Mental e economia solidária. *Psicologia: Ciência e Profissão*, (Brasília), 33(1), 174-191.
- Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (2015). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. (6a ed.). São Paulo: Editora Cortez.
- Brandão, C. R. (2006). A pesquisa participante e a participação da pesquisa. In Brandão, C. R., & Streck, D. R. (Orgs.). *Pesquisa Participante: o saber da partilha* (pp. 21-54). Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- Brasil. (2004). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Foucault, M. (2003). *História da loucura na idade clássica*. (7a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Frayze-Pereira, J. (2002). *O que é loucura*. (10a ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.
- González-Rey, L. F. (2011). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.

Merhy, E. E. (2002). *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec.

Moraes, R. C. P. (2014). *Saúde Mental e Economia Solidária: os processos psicossociais de inclusão social pelo trabalho*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva, Santos, SP, Brasil.

Moraes, R. C. P., & Castro-Silva, C. R. (2016). Inclusão pelo Trabalho na Saúde Mental. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 36(3), 748-762.

Moraes, R. C. P., Nogueira, C. R. R., Papel P. T., & Alencar, M. L. A. (2017). Psicologia e economia solidária: revisão integrativa da literatura. *Revista Fafibe On-Line, (Bebedouro) 10 (1)*, 154-171.

Saraceno, B. (2016). Reabilitação Psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. In Pitta, A. M. F. (Org.), *Reabilitação Psicossocial no Brasil*. (4a ed.; pp. 20-26). São Paulo: Hucitec.

Sawaia, B. B. (2011a). Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In Sawaia, B. B. (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (11a ed.; pp. 7-13). Petrópolis, RJ: Vozes.

Sawaia, B. B. (2011b). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In Sawaia, B. B. (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (11a ed.; pp. 99-119). Petrópolis, RJ: Vozes.

Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Valentini Jr. W. A. H.; Vicente, C. M. (2016). A reabilitação psicossocial em Campinas. In Pitta, A. M. F. (Org.), *Reabilitação Psicossocial no Brasil*. (4 ed., pp. 61-68). São Paulo: Hucitec.

Recebido em 30/07/2018
Aceito em 25/09/2018